

CONFISSÃO

- Um dialogo de Roberto Lís -

Ella - Mar me qué, bem me qué,
me qué munto, pouco, nada.
Mar me qué, bem me qué,
me qué munto, pouco, nada.
Meu Deus, que frô mais danada,
pra mim só dá mar querê!
num sei o que é de fazê
nem sei praquê que isso é.

Elle - Puis ahi tá uma prgunta
bem farci de arrespondê:
si a frô diz que não qué nada
é praquê ella tem certeza
que elle num qué bem mecê.

Ella - (chorosa) Si a frô sobesse a tristeza
que faiz meu peito senti,
tarveiz que tivesse pena
e garrasse a mi minti.

Elle - Num fique triste, Thereza,
as frô som bem mintirôsa,
quagi num diz a verdade;
o jasmin, o cravo, a rosa,
com todo o chero e a beleza,
mente piô, nhá Thérêza,
do que as moça da cidade.

Ella - Si fôsse anssim, nhô Juvenço,
eu ficava mais contenta.
É uma paixão que arrebenta
o meu peito e os meus pormão;
de minhãzinha, de tarde,
de noite, nas hora tudo,
os seus óio de veludo
bóle co meu coração.
É nele que eu sempre penso.
Será verdade, Juvenço,
que ele tombem pensa em mim?

Elle - Praquê num ~~de~~ de pensá?
Descerto que pensa, sim.

Ella - Mas as frô me dia que não.

Elle - Mas as frô som mintirosa.
Qué vê que eu tenho rezão?
Quando Deus Nosso Sinhô
deu o sorriso pras muiô,
pra ~~moça~~ omentá a beleza,
as frô, sintino ciume,
pidiro pra Natureza
uma outra coisa quarqué.
A Natureza enrascada,
num tendo nada pradá
pras frô matá seu ciume,
tratô de inventá o perfume
que é o sorriso das frô.
É agóra escuite, Thérêza,
o preste munta atenção:
vão as frô prum casamento
e tom alegre a si ri;
levum elas pro convento
e infeitum o artá da capela,
lá, entre o fôgo das vela,
tom rindo a todo o momento.
Tom si rindo prá aligria
cumo ri pras disventura,

nas lago das seportura
ingual elas tão si rindo.
Tanto elas ri pra tristeza
cumo pra filicidade.
É agóra das duas uma:
ou quando ri pras margura
ou quando ri pra aligria
ellas se ri sem vontade.

Ella - É, num hay duvida alguma.

Elle - Já vê mecê, nhá Thérêza,
que nas frô, tenha a certeza,
nem sempre hay sinceridade.

Ella - É verdade, nhô Juvenço,
mecê tem toda a rezão.

Elle - Já vê qu ~~osê~~ num precisa
afrigi seu coração.

Ella - Garre uma frô, nhô Juvenço,
pra vê o que ella diz pra osê.

Elle - Vô garrá, mas num querdito
no que ela vae me dizê.
em todo o cause num custa
exprimentá, bamo vê:
Mar me qué, bem me qué,
me qué munto, pouco, nada;
mar me qué, bem me qué,
me qué munto, pouco, nada.
mar me qué, bem me qué,
me qué munto. Que safada!
Monte ingual cumo as muiô,
sabe que ela num qué nada
o diz que hay munto querê.

Ella - Mas quem sabe, pôde sê.

Elle - Antes sôsse, nhá Thérêza,
mas eu sei bem que num é.

Ella - A vida é tom cumplificada!

Elle - O que ella é é marvada.
Tem o gôsto de fazê
as coisa anssim tudo errada
praquê tombem é muiô.
Mas num faiz mar, num si impôrto,
dexa as coisa anssim corrê
inté cansá da surrida.
Diz que véve mais a vida
quem cunheceu o sofrê...

Ella - Puis eu par mim aperfiro
vivê mais meno, Juvenço.
Fico fria quando penso
que as magua de amô um dia
eu inda pôssa sinti.
Dá vontade de corrê,
corrê, bem longe, fugi.

Elle - Num dianta ~~nada~~ ^{nhá} Thérêza,
garanto que num dianta.
Quando a dô em nós se pranta,
fica dispois cum nós prosa.

Num simpórta de sabê
si tomo ou não inusente,
e pra donde se corrê
ella córre atraiz da gente.
Magua de amô? Causo serio!
Si o sujeito si adessuida
vae pará no cemetério.

Ella - Vancê fala coa certeza
de quem já sunhêe a suja.

Elle - Si conheço? Munto bem.
É feia, marvada, xuja,
nem gósto de si alembra.
Vivi triste, achumbeado,
vendo sempre do meu lado
o vurto daquela ingrata.
Ia pra cama drumi
os oio num si fechava,
si tava na rua andando
os oio aberto sonhava.
O cumê num me passava
nem a purrete, naquela,
Ella tava tom distante,
mas memo anssim, todo instante
eu tava avistando ella.
Era na cama deitada,
era no pingo amuntado,
no potrero, na cochera,
em baixo das laranjerá,
na sombra dos bambuzá,
na berada da barranca,
em toda a parte avistava
aquela blusinha branca
e a pele cõ de canela.
Ia pra meza cumê,
di repente, sem sabê,
eu tava ~~cumendo~~ *masistando* ella.

Ella - Meu Deus, que barbaridade!

Elle - Pur Deus do Céu que é verdade.
Pensei intê de morrê...

Ella - E agora, já miorê?

Elle - Miotei sempre um mucado.
É munto certo o ditado
que só o tempo cura a dô.
Curá, curá, é bobage
num cura cousa nenhuma,
é que a dô depois faiz cama
e a gente antão acostuma.

Ella - Coitado de osê, Juvenço,
quanto mecê tem sofrido!
Purisso que tá tom magro,
coa cõ anssim amarela
e um ar tom triste e sentido.
Tombem garanto que agora
osê intê tem réiva della.

Elle - Reiva della? Que esperança!
Entonce a gente é Briança,
vae tê reiva de um amô
que a gente quiz mais que a vida,
só pruguê num arcançô?

Ella - Mas Juvenço, osê suffreu
sumo osê memo euntou.
Pur isso tá desse geito,
de cara magra, amarela
que chega a dá piedade.

Elle - Puis pra dizê a verdade
inda hoje eu amo ela.

Ella - Te eweconjuro! Credo! Cruz!
Osê qué fazê agora
o memo que feiz Jesus?
Amá que lhe judiô?
Uma muié tom marvada,
que lhe negou seu amô,
que le feiz sonhá acordado,
drumi cos óios abridos,
que le feiz, desinludido,
sortá genido de dô?
Isso intê que nem é gente,
parece mû a serpente
que Adão e Eva enganô.

Elle - Tudo isso é indiferente,
num dá pra matá o amô.

Ella - Juvenço eu sunheço ella?

Ella - Cunheço intê munto bem.

Ella - Entonce diga quem é.

Elle - Num vale a pena dizê.

Ella - Diga, sim, quero sabê,
que é preu num gostá mais dela,
pruguê ella le feiz sofrê.

Elle - Osê qué memo que diga?
Entonce vô le dizê.

Ella - Diga, diga, nhô Juvenço.

Elle - Essa muié, nhá Thérêza,
essa muié... é mecê.

MMOS. MM. PA